

O terror do inferno

O equivalente religioso para esta verdade psicológica, observa Edinger, é o terror do inferno manifestado por Cristo. Isto simboliza a descida apócrifa de Cristo ao inferno durante os três dias transcorridos entre a Sexta-feira Santa e o Domingo de Páscoa, graças à qual antigos heróis como Abraão e Moisés puderam participar da ressurreição de Cristo.

De acordo com essa concepção, nosso processo pessoal de individuação tem o poder de redimir tanto aos nossos ancestrais como a nós mesmos. Isso corresponde ao seguinte e muito divulgado mitologema: O herói é engolido por um monstro. A escuridão dentro da barriga do mesmo o incita a acender um fogo. O herói está com fome e corta um pedaço do coração do monstro. Finalmente, o monstro encalha na praia. O herói abre então caminho para fora de sua prisão, libertando incidentalmente os outros que haviam sido engolidos anteriormente.¹⁹

Se interpretarmos o mito como uma comunicação do inconsciente, o sucesso do herói (a individuação) resulta na redenção de gerações passadas. É como se os espíritos dos mortos, assim como os dos não-nascidos, estivessem penderes de cada um de nossos feitos, porque aquilo que somos e fazemos afeta não apenas o presente mas também o passado e o futuro.²⁰

O ciclo solar pode ser interpretado como uma metáfora para a jornada do herói. Por ocasião do solstício de verão, o Sol atinge o seu zênite; depois se sacrifica e começa uma descida até as profundezas onde renasce no momento do solstício de inverno. Da mesma forma, o ego heróico enfrenta o inconsciente e, de acordo com o mito, é renovado.

Com relação a essa importante idéia, diz Jung:

A comparação com o Sol nos diz, vezes sem conta, que a dinâmica dos deuses é energia psíquica. É esta a nossa imortalidade, o elo por meio do qual o homem se sente inextinguivelmente integrado na continuidade de toda a vida. A vida da psique é a vida da humanidade. Brotando nas profundezas do inconsciente, suas fontes jorram da raiz de toda a raça humana, visto como, biologicamente falando, o indivíduo é tão-somente um rebento arrancado de sua matriz e transplantado.²¹

E Deus diz a Abraão, pesaroso por não ter um filho como herdeiro:

“Olha para o céu e conta as estrelas, se puderes. Serão assim os teus descendentes.”²² Tem isto uma dupla implicação: primeiro, os seus descendentes serão inumeráveis; e, segundo, sua vida terá efeitos no “domínio arquetípico transpessoal”.²³

Hoje em dia, nós todos somos como Abraão e nossos nomes estão escritos no céu.

NOTAS

1. Salmos 27:10.
2. “Face-to-Face: The BBC Interviews”, p. 166.
3. “Crossing the Ocean”, p. 133.
4. Gênesis 4:13.
5. *Memories, Dreams, Reflections*, p. 340.
6. “Psychotherapists or the Clergy”, *Psychology and the Religion*, CW 11, par. 497.
7. Isaías 54:7.
8. Ferne Jensen, org., *C.G. Jung, Emma Jung and Toni Wolff*, pp. 62, 65.
9. Números 14:18; Êxodo 20:5, 34:7; Deuteronômio 5:9.
10. Lucas 15:11-32, RSV.
11. Ver Michael Talbot, *Beyond the Quantum*, pp. 72-75.
12. *A New Science of Life: The Hypothesis of Formative Causation*, texto da contracapa.
13. Mateus, 20:1-16.
14. Jó 19:25, NEB.
15. Raymond A. Moody, Jr., *Life after Life*, p. 144.
16. *Letters*, vol. 2, p. 25.
17. Marcos 12:17.
18. “The Christian Archetype”, programa público, C.G. Jung Institute, San Francisco, 1980; ver também Edinger, *The Christian Archetype: A Jungian Commentary on the Life of Christ*, pp. 109-110.
19. L. Frobenius, *Das Zeitalter des Sonnengottes*, citado por Edward F. Edinger, *Melville's Moby-Dick*, p. 36.
20. Cf. a noção de ressonância mórfica de Sheldrake (acima, pp. 78-79).
21. *Symbols of Transformation*, CW 5, par. 296.
22. Gênesis 15:5, JB.
23. Edinger, “Yahweh and Individuation”, programa público, C.G. Jung Institute, San Francisco, 1979; ver também Edinger, *The Bible and the Psyche: Individuation Symbolism in the Old Testament*, p. 28, e *The Creation of Consciousness: Jung's Myth for Modern Man*, pp. 24ss.